

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Fabício Rodrigues Ramos

A Anatomia de um Centauro

O Nascimento da Tragédia à luz da Segunda Consideração Extemporânea

Brasília

2013

Fabício Rodrigues Ramos

A Anatomia de um Centauro

O Nascimento da Tragédia à luz da Segunda Consideração Extemporânea

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado em História, sob a orientação do Professor Doutor Arthur Alfaix Assis. Data da defesa oral: 23/07/2013. Membros da banca examinadora: Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis, Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria e Prof. Dr. Evaldo Sampaio Silva.

Brasília

2013

ABREVIATURAS DAS OBRAS DE NIETZSCHE

ONT	O Nascimento da Tragédia
PCE	Primeira Consideração Extemporânea
SCE	Segunda Consideração Extemporânea
TCE	Terceira Consideração Extemporânea
QCE	Quarta Consideração Extemporânea

RESUMO

Em 1872, Friedrich Nietzsche (1844-1900) publicou o seu primeiro livro, *A Origem da Tragédia*, o qual apresenta, em síntese, uma sofisticada reflexão histórico-filosófica sobre o surgimento e o desaparecimento da arte trágica grega. Dois anos depois, Nietzsche escreveu a *Segunda Consideração Extemporânea*, texto no qual expõe a sua interpretação para o problema da função da história no mundo moderno. Que tipo de relação, apesar da evidente diferença temática, existe entre os dois textos do jovem Nietzsche? O presente trabalho constitui uma tentativa de responder essa pergunta. Para tanto, executarei o cotejamento das obras citadas e a análise de aspectos da biografia do autor que possam esclarecer o problema. O entendimento a ser desenvolvido é o de que o conceito de “história monumental”, apresentado no texto de 1874, funciona como uma elucidação teórica posterior do complexo argumento histórico do livro de 1872.

Palavras-Chave: Friedrich Nietzsche, historiografia, teoria da história, pensamento histórico, filosofia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. BIOGRAFIA DE UMA TRAGÉDIA	8
1.1 O jovem Nietzsche.....	8
1.2 Nasce um centauro.....	14
2. UMA CRIATURA INCOMPREENSÍVEL	22
2.1 Polêmica irreconciliável.....	22
2.2 Princípios de anatomia.....	26
2.3 Dissecando uma criatura atemporal.....	30
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 — 1900) foi um importante pensador alemão do século XIX. Formou-se em filologia clássica nas Universidades de Bonn e Leipzig, mas seus escritos são de difícil categorização, pois as suas áreas de interesse eram diversas: a psicologia, a moral, a estética, a metafísica, a epistemologia. A sua conturbada trajetória intelectual é usualmente dividida em três fases. A primeira fase, também designada como “a juventude intelectual de Nietzsche”, vai de 1872 até 1876 e inclui, principalmente, as obras *O Nascimento da Tragédia* e as quatro *Considerações Extemporâneas*. A segunda fase, também conhecida como “positivista” ou “científica”, vai de 1878 até 1882 e tem o seu auge em obras como *Humano, demasiado humano*, escrito em 1878, e *A Gaia Ciência*, escrito em 1882. A terceira fase, igualmente referenciada como fase “madura”, vai de 1883 até 1888, o último ano de lucidez de Nietzsche, e inclui livros famosos e polêmicos como *Assim falou Zaratustra* e *O Anticristo*.

Em Janeiro de 1872, Nietzsche publicou o seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*, no qual discute e analisa a origem e o desaparecimento da arte trágica produzida na Grécia antiga. Pouco depois, na segunda metade de 1873, Nietzsche escreveu a *Segunda Consideração Extemporânea*, texto no qual apresenta, com uma argumentação vitriólica, a sua interpretação do problema da função da história no mundo moderno. Apesar dessa evidente diferença temática, existe alguma relação de continuidade entre os dois textos? O trabalho a seguir constitui uma tentativa de responder essa pergunta.

Em trabalho recente, Thomas H. Brobjer esforçou-se para demonstrar que a *Segunda Consideração Extemporânea* não representa a percepção de Nietzsche sobre o valor dos estudos e métodos históricos. Segundo seu entendimento, logo após a publicação do texto, em fevereiro de 1874, Nietzsche teria mudado sua opinião a respeito do tema, passando a afirmar a importância fundamental do conhecimento histórico. De acordo com essa proposta, Brobjer analisa os trabalhos de Nietzsche escritos após 1875, tentando comprovar que o seu autor, desde então, passa a ignorar e rejeitar completamente o argumento do texto escrito em 1873.¹

¹ BROBJER, T. H. Nietzsche's View of the Value of Historical Studies and Methods. **Journal of the History of Ideas**, v. 65, n. 2, p. 301-322, 2004.

Contudo, apesar do significativo esforço de Brobjer, em sua autobiografia *Ecce Homo*, escrita em outubro de 1888, Nietzsche faz o seguinte comentário sobre a *Segunda Consideração Extemporânea*:

A *segunda* Extemporânea traz à luz o que há de perigoso, de corrosivo e contaminador da vida em nossa maneira de fazer ciência: a vida *enferma* desse desumanizado engenho e maquinismo, da *'impessoalidade'* do trabalhador [...] A finalidade se perde, a cultura – o meio, o moderno cultivo da ciência, barbariza. Neste ensaio, o 'sentido histórico' de que tanto se orgulha este século foi pela primeira vez reconhecido como doença, como típico sinal de declínio.²

Embora a assertiva de Nietzsche nos pareça peremptória, Brobjer, que conhece e cita a passagem acima em seu trabalho, executa uma manobra interpretativa, a meu ver, pouco correta, que lhe permite ignorar o seu conteúdo. Brobjer argumenta que esse entendimento positivo sobre o argumento da SCE, tendo sido produzido poucos meses antes do colapso mental de Nietzsche, deve ser entendido como uma evidência de que a megalomania do filósofo havia atingido um estágio tal que o mesmo não era mais capaz de identificar e reconhecer os próprios erros.³ Surpreendentemente, entretanto, Brobjer, logo após afirmar a não validade da citação acima, recorre a outras passagens do mesmo *Ecce Homo* para tentar embasar o seu entendimento, o que demonstra uma não negligenciável fragilidade do seu argumento.⁴

Contrapondo-se a essa tendência, este trabalho tem como objetivo indireto operar uma reavaliação da importância da SCE. A presente monografia representa a primeira etapa desse esforço. Diferentemente da abordagem proposta por Brobjer, nosso foco aqui será retrospectivo e terá como objeto de estudo a relação entre o argumento da SCE e o principal trabalho que a precedeu, isto é, ONT. Em breve, deverei, num segundo trabalho, analisar a relação entre a SCE e os trabalhos publicados por Nietzsche após 1875. Além disso, pretendo com o meu texto delinear de forma mais precisa quais eram os princípios fundamentais que deveriam, segundo o jovem Nietzsche, nortear a produção de conhecimento com base em eventos do passado.

² NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 64.

³ BROBJER, Nietzsche's View of the Value of Historical Studies and Methods, p. 310.

⁴ *Ibid.*, p. 306.

Com o objetivo de responder a pergunta formulada acima, decidi executar o cotejamento das obras citadas e a análise de aspectos da biografia de Nietzsche que pudessem ajudar a esclarecer o problema, de acordo com os seguintes procedimentos: a) leitura, análise e mapeamento do argumento das fontes primárias: *O Nascimento da Tragédia* e a *Segunda Consideração Extemporânea*; b) leitura, análise e mapeamento das cartas escritas por Nietzsche no período de 1861 a 1878; c) mapeamento, seleção, leitura e análise de fontes secundárias que tivessem como objeto de estudo as fontes primárias; e) mapeamento, seleção, leitura e análise de fontes secundárias que tivessem como objeto de estudo a biografia de Nietzsche; f) cotejamento do argumento das fontes primárias de acordo com o conhecimento adquirido em todo o processo.

O texto a seguir está dividido em dois capítulos principais. O primeiro capítulo é dedicado, basicamente, à apresentação da trajetória intelectual de Nietzsche. Na sua primeira parte, de acordo com o recorte temporal acima proposto, apresento uma pequena biografia que narra apenas os eventos compreendidos entre 1844 e 1878, ano de publicação de *Humano, demasiado humano*, livro que delimita usualmente o fim da juventude de Nietzsche. Na segunda parte, discuto a gênese de *O Nascimento da Tragédia*. O segundo capítulo, por sua vez, é dedicado à análise e ao cotejamento dos argumentos dos textos de 1872 e 1874. A premissa a ser desenvolvida nesta monografia é a de que, apesar da grande diferença temática, existe entre os textos de 1872 e 1874 uma forte continuidade de conteúdo.

1. BIOGRAFIA DE UMA TRAGÉDIA

1.1 O jovem Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 — 1900) nasceu em Röcken, Saxônia. Seu pai, Karl Ludwig Nietzsche, o pastor local, morreu precocemente, em 1849, deixando ao todo três filhos, um dos quais, Joseph, morreria logo após o pai. Em 1850, a família, que agora compreendia os dois irmãos sobreviventes, Friedrich e Elizabeth Nietzsche, a mãe, duas tias e uma avó, mudou-se para as proximidades de Naumburg, na Turíngia. Aos quatorze anos, Nietzsche foi admitido no internato de educação clássica de Pforta, no qual seu desempenho acadêmico foi excelente, as exceções sendo matemática e artes. Em 1864, matriculou-se na Universidade de Bonn como estudante de Teologia.⁵

Em 1865, após sérios desentendimentos com a mãe, Franziska, e aproveitando o amargo conflito que surgira em Bonn entre os professores Otto Jahn e Friedrich Wilhelm Ritschl, Nietzsche desiste da carreira de teólogo, transfere-se com o último para a Universidade de Leipzig e decide tornar-se estudante de filologia clássica. Em um antiquário de Leipzig, Nietzsche descobre, em 1865, por acidente, os dois volumes de *O mundo como vontade e representação*, de Arthur Schopenhauer, livro que o marcaria profundamente.⁶

Com o apoio e sob a orientação de Ritschl, a carreira de Nietzsche floresceu. Em 1866, ajudou a fundar um grupo de estudos clássicos em Leipzig, a Sociedade Filológica, à qual apresentou seu primeiro trabalho estritamente acadêmico, uma conferência sobre Teógnis. Ritschl, impressionado com o talento de seu jovem aluno, motivou-o a publicar esse trabalho. A partir de então, uma profícua relação entre professor e aluno se estabeleceu, o que permitiu o surgimento de uma série de trabalhos com temas gregos nos quais são evidentes o uso criterioso e contínuo dos métodos, princípios e instrumentos da filologia científica em voga no século XIX.⁷

⁵ SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2005, p. 36.

⁶ Para uma discussão aprofundada sobre a relação entre Nietzsche e a filosofia de Schopenhauer, ver BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades**: Schopenhauer e Nietzsche. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁷ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 78.

Em 1868, após um ano de serviço militar na artilharia montada, Nietzsche entra em contato com a filosofia de Immanuel Kant e começa a apresentar os primeiros sintomas de um crescente desconforto com a filologia. Em carta ao amigo Erwin Rohde, Nietzsche, antevendo a polêmica na qual se envolveria após a publicação de *ONT*, expressaria tal desconforto da seguinte forma:

To see again from close at hand the seething brood of the philologists [...] their joy at capturing worms and their indifference to the true problems, the urgent problems of life [...] all this makes me see more and more clearly that the two of us, if this is to be our only means of remaining true to the spirit in us, shall not go our way in life without a variety of offenses and intrigues.⁸

Em abril de 1869, por meio de vigorosa recomendação de Ritschl, então confiante no potencial de seu aluno, Nietzsche consegue, apesar de ter apenas 24 anos e obtendo o título de doutor sem exames ou tese, preencher uma cadeira vacante de filologia clássica na Universidade da Basileia, Suíça. Em novembro de 1868, o jovem Nietzsche, por intermédio de Ritschl, encontra, pela primeira vez, Richard Wagner, então com 55 anos, em uma festa particular realizada em Leipzig.⁹ O encontro causou um surpreendente efeito no jovem professor: “I had a longish conversation with him about Schopenhauer; you will understand how much I enjoyed hearing him speak of Schopenhauer with indescribable warmth [...] finally [...] he warmly shook my hand and invited me with great friendliness to visit him, in order to make music and talk philosophy”.¹⁰

Em maio de 1869, Nietzsche faz a sua primeira visita ao casal Richard e Cosima Wagner. A proximidade entre Tribschen e a Basileia contribuiu para que a amizade entre os dois se consolidasse. Todavia, era a perspectiva de poder influenciar círculos acadêmicos hostis, por meio da eminência profissional de Nietzsche, o que nele mais atraía Wagner.¹¹ Entre maio de 1869 e abril de 1872, quando Wagner e sua família se mudam de Tribschen para Bayreuth, Nietzsche os visitou assiduamente, participando do convívio familiar: “my true refuge here, one I cannot overpraise, remains Tribschen near Lucerne [...] I spent the

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**. Chicago: University of Chicago Press, 1969, (carta a Erwin Rohde, 20 de novembro de 1868) p. 41.

⁹ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 51.

¹⁰ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Erwin Rohde, 9 de novembro de 1868) p. 35.

¹¹ SILK, M. S.; STERN, J. P. **Nietzsche on tragedy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p. 32.

Christmas vacation there: most beautiful and elevating memory! It is most necessary that you should be initiated into this magic”.¹²

Em meados de 1869, Nietzsche foi apresentado ao historiador Jacob Burckhardt, colega de trabalho com quem acreditava ter grande afinidade intelectual, e, no início de 1870, fez amizade com o teólogo Franz Overbeck. São desse período as duas conferências públicas sobre Sócrates e a Tragédia grega que antecipam as ideias desenvolvidas em *ONT*: “O drama musical grego”, de 18 de janeiro de 1870, e “Sócrates e a Tragédia”, de 1º de fevereiro de 1870. Em meados 1870, Nietzsche participou, brevemente, como enfermeiro, da guerra franco-prussiana. Em carta à mãe, o filólogo comenta a nefasta e marcante experiência do campo de batalha: “a memory of the terribly devastated battlefield, scattered all over with countless mournful remains and reeking with corpses, comes with this letter”.¹³ Em decorrência de uma difteria e uma disenteria, Nietzsche adoece severamente e abandona o esforço de guerra. A partir de então, a sua saúde se tornaria instável.¹⁴

Após curto período de convalescência, Nietzsche retorna à Basileia em outubro de 1870, dedicando-se, então, aos compromissos acadêmicos. Entretanto, pouco antes de se candidatar, em janeiro de 1871, à cadeira vacante de professor de filosofia em sua universidade, o descontente filólogo cogita abandonar, em breve, a carreira de professor: “let us drag on this university existence for a few more years; let us take it as a sorrowful lesson which must be tolerated with seriousness and astonishment [...] A completely radical institution for truth is not possible here. Above all, from here nothing really revolutionary can come”.¹⁵

Sem sucesso em sua candidatura, Nietzsche resigna-se e opta por estreitar os laços com Richard Wagner e sua família, apoiando-os integralmente no projeto de construção do teatro (*Festspielhaus*) de Bayreuth, inclusive se tornando, com um alto custo para suas finanças pessoais, um de seus patronos. É certo ainda que, pelo menos até 1875, a aprovação e o apoio de Wagner eram mais importantes para Nietzsche que sua própria carreira acadêmica: “I gave a lecture here on ‘Socrates and Tragedy’, which excited terror and incomprehension.

¹² NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Erwin Rohde, 15 de fevereiro de 1870) p. 61.

¹³ *Ibid.*, (carta a Franziska Nietzsche, 29 de agosto de 1870) p. 67.

¹⁴ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 43.

¹⁵ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Erwin Rohde, 15 de dezembro de 1870) p. 73.

On the other hand, it has strengthened the ties with my Tribschen friends even more. [...] I do not need to conform to a ruling stereotype in the search for distinguished and illustrious positions”.¹⁶

Em Janeiro de 1872, Nietzsche publica, com o auxílio de Wagner, *O Nascimento da Tragédia*. Pouco antes, o seu autor confessou ao amigo Erwin Rohde o que o levava a escrevê-lo: “moreover, I must prove and legitimize myself as a philosopher or somewhat; to that end I have finished, except for a few touches, a short work, ‘The Origin and Aim of Tragedy’”.¹⁷ Os meses seguintes foram marcados pela polêmica surgida em torno do livro. Richard Wagner e Erwin Rohde rebatiam, então, as severas críticas feitas pelo jovem filólogo Ulrich von Wilamowitz ao polêmico argumento do livro.

De Janeiro a Março de 1872, Nietzsche realiza uma série de cinco conferências públicas intituladas *Sobre o Futuro de Nossas Instituições Educacionais*, nas quais aguça e amplia a crítica ao conhecimento “puro”, desinteressado, presente em ONT, além de preconizar uma revolução cultural completa. Com um texto tão ou mais polêmico que seu primeiro livro, o filólogo defende uma educação que tenha como finalidade o desenvolvimento, no indivíduo, de um espírito livre e criativo.¹⁸

Para alcançar tal objetivo, os jovens alemães deveriam conhecer a cultura grega, mas não de acordo com os princípios subservientes ensinados nas instituições educacionais modernas, as quais teriam como meta promover apenas o sucesso econômico e social de seus alunos.¹⁹ Para Nietzsche, uma verdadeira educação clássica se realizaria apenas quando os estudantes, livres de qualquer prejuízo ou coerção, fossem capazes de se apropriar do espírito livre, criativo e original dos gregos, o que lhes permitiria criar uma cultura alemã original, genuína.²⁰

Em Abril de 1873, após retornar de sua segunda viagem à Bayreuth, Nietzsche inicia um novo projeto literário, o qual foi intitulado *Considerações Extemporâneas*. Orientando o seu trabalho de acordo com as demandas de Wagner e seu projeto de festival teatral, Nietzsche planejou inicialmente publicar duas *Considerações Extemporâneas* a cada ano, até

¹⁶ *Ibid.*, (carta a Erwin Rohde, 15 de fevereiro de 1870) p. 61.

¹⁷ *Ibid.*, (carta a Erwin Rohde, 29 de março de 1871) p. 78.

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **On the Future of Our Educational Institutions**: Homer and Classical Philology. London: T. N. Foulis, 1909, p. 20.

¹⁹ *Ibid.*, p. 43.

²⁰ *Ibid.*, p. 43.

que a série, cerca de doze textos, se completasse.²¹ *A Primeira Consideração Extemporânea, David Strauss – Sectário e Escritor*, foi publicada em agosto, novamente graças à intervenção de Wagner com seu editor, E. W. Fritsch.

Na PCE, Nietzsche critica a burguesia ilustrada alemã, a qual considerava a vitória da Prússia sobre a França na guerra franco-prussiana e o subsequente estabelecimento do segundo Reich alemão claros indícios de sua superioridade cultural.²² Para designar esses “chauvinistas leitores de jornais” e “consumidores de cultura”, os quais consideravam a “cultura do entretenimento” e da “opinião pública” a verdadeira cultura, Nietzsche usa o termo “filisteu culto” (*Bildungsphilister*).²³ Que David Straus tenha sido escolhido como representante desse grupo foi uma concessão a Wagner, o qual já havia se envolvido publicamente em polêmicas com o autor de *A vida de Jesus*.

A Segunda Consideração Extemporânea, Da utilidade e desvantagem da história para a vida, escrita na segunda metade de 1873 e publicada em fevereiro de 1874, apresenta, por sua vez, uma discussão sobre a relação entre a vida humana e a história, entre o esquecimento e a memória.²⁴ Além disso, Nietzsche, por meio de uma severa crítica ao filósofo alemão Eduard von Hartmann, condena a deificação do sucesso e de tudo o que vem a ser, a teleologia histórica implícita no discurso nacionalista dos “filisteus cultos”.²⁵

A Terceira Consideração Extemporânea, Schopenhauer como Educador, foi publicada no trigésimo aniversário de Nietzsche, em 15 de outubro de 1874. Embora contenha numerosas citações de textos de Schopenhauer, a TCE não apresenta nenhuma discussão estrita de sua filosofia, nem de seu principal trabalho, *O Mundo como Vontade e Representação*. Além disso, enquanto a escrevia, Nietzsche já havia rejeitado as principais ideias propostas por Schopenhauer, tal como a dicotomia entre “aparência” (representação) e a “essência” (vontade).²⁶ Não obstante, Nietzsche o considerava o seu mais importante educador. A razão para isso está no conceito de educação proposto no texto: a filosofia de Schopenhauer educava porque possibilitava ao ser a libertação do que lhe é alheio, incitando-

²¹ SAFRANSKI. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*, p. 45.

²² NIETZSCHE, Friedrich. *Untimely Meditations*. New York: Cambridge University Press, 1997, p. 3.

²³ *Ibid.*, p. 5.

²⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

²⁵ *Ibid.*, p. 78.

²⁶ SAFRANSKI. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*, p. 53.

o a abandonar o que é incompatível com o seu vir a ser, ainda que disso resultasse a rejeição total dos sistemas filosóficos de quem o educa.²⁷

Ainda na segunda metade de 1874, Nietzsche começa a escrever o que seria a sua quarta contribuição à série. O texto, *Nós Filólogos*, versaria sobre a origem e valor do conhecimento com um fim em si mesmo. Contudo, em 1875 o seu interesse pelo projeto literário das *Extemporâneas* desvanece. Os anos de 1874-1875 foram particularmente difíceis para Nietzsche e os envolvidos com o projeto de Bayreuth. As vendas das três primeiras *Extemporâneas* foram muito aquém do que o seu autor esperava e sérios problemas financeiros fizeram Wagner considerar o abandono de seu projeto de teatro. Além disso, depois de Nietzsche confessar a Wagner a sua admiração pelo grande rival do músico, Brahms, a relação entre os dois começou a apresentar os primeiros sintomas de desgaste. Após essa querela, Nietzsche decidiu não passar os feriados de final de ano com Wagner e sua família, em 1874, e recusou os convites do músico para acompanhar uma série de ensaios feitos no verão de 1875 em Bayreuth.²⁸

É nesse contexto que Nietzsche inicia a escrita da *Quarta Consideração Extemporânea, Richard Wagner em Bayreuth*, talvez para demonstrar ao músico a sua fidelidade. Contudo, tal como ocorreu em *Schopenhauer como Educador*, a QCE foi escrita em um momento no qual Nietzsche já havia formulado, privadamente, os principais termos da devastadora crítica a Wagner e sua arte que se tornaria pública anos depois. Além disso, a personalidade do músico, avessa ao criticismo e sensível a qualquer demonstração de infidelidade em seu séquito, começou a incomodar o jovem filólogo. De qualquer forma, o autor terminou o texto no verão de 1876 e presenteou Wagner com uma cópia em Agosto, durante o primeiro festival de Bayreuth.²⁹

O complexo argumento da QCE contém uma série de citações e paráfrases dos escritos de Wagner, as quais objetivam definir em termos precisos o ideal de arte Wagneriano.³⁰ A partir disso, o leitor pode discernir, com o auxílio de algumas discretas sugestões do autor, o quão distante o músico, os Wagnerianos e Bayreuth estavam de seu próprio ideal artístico, ao qual Nietzsche havia outrora aderido. O tom do texto é, em geral, ambivalente, pois seu autor

²⁷ NIETZSCHE. *Untimely Meditations*, p. 128.

²⁸ SAFRANSKI. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*, p. 48.

²⁹ *Ibid.*, p. 49.

³⁰ NIETZSCHE. *Untimely Meditations*, p. 200.

tenta conciliar duas tendências opostas: a sua integridade intelectual, a sua crítica, e a gratidão por Wagner lhe ter auxiliado em seu processo de vir a ser.³¹ O autor da QCE coloca, sutilmente, Wagner contra si mesmo.

Em meados de 1876, com uma séria crise de saúde, Nietzsche foi forçado a cancelar suas aulas e se licenciar de sua universidade até o fim de 1877. Contudo, antes, o professor deveria comparecer ao primeiro festival de Bayreuth. Embora Nietzsche se tenha esforçado para comparecer às primeiras performances de Wagner, o festival acabou se tornando um tormento. A visão de um séquito de wagnerianos, dentre eles estadistas, críticos e burgueses ilustrados, os quais haviam sido duramente criticados nas *Extemporâneas* sob o rótulo de “filisteus cultos”, sendo recebidos com entusiasmo por Wagner lhe causou repugnância.³²

Em meio a dores de cabeça, Nietzsche procura refúgio em um vilarejo próximo, em Klingenberg. Poucos meses depois, o autor das *Extemporâneas* estaria vivendo em Sorrento, Itália, com seu amigo Paul Reé, dedicando-se a um novo projeto literário. *Humano, demasiado Humano*, publicado em 1878, é tão diferente em forma e conteúdo dos trabalhos que o precedem que marca o início de um novo período na história intelectual de Nietzsche.³³

1.2 Nasce um centauro

Em carta ao amigo Erwin Rohde, escrita em 1870, Nietzsche vaticinava: “ciência, arte e filosofia crescem tão juntas em mim que um dia parirei centauros”.³⁴ Com essa sentença categórica, ele informava ao amigo sobre o atributo fundamental de seu pensamento naquele momento: uma mistura inextricável entre tendências diferentes e, às vezes, antagônicas. *O Nascimento da Tragédia* é o produto dessa tensão.³⁵ Seu autor, enquanto o concebia, estava na fronteira entre a filologia, a música e a filosofia.³⁶

³¹ *Ibid.*, p. 238.

³² SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 60.

³³ Para uma análise completa da obra de Nietzsche, ver KAUFMANN, Walter. *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*. New York: Meridian, 1958.

³⁴ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Erwin Rohde, 15 de fevereiro de 1870) p. 61.

³⁵ SILK, M. S.; STERN, J. P. **Nietzsche on tragedy**, p. 188.

³⁶ Em meu texto, evitei fazer qualquer discussão de natureza contextualista. Arno Mayer, em seu livro *A Força da Tradição* tenta compreender a relação entre Nietzsche e o século XIX. Embora julgue incorreta a interpretação de Mayer sobre a relação entre Nietzsche e as “forças da tradição”, acho perspicaz a sua

Entre os anos de 1864 e 1869, Nietzsche estudou filologia clássica em Leipzig. A sua escolha pela carreira filológica, a qual começou a ganhar contornos nítidos já em 1863, mas que se consolidou apenas em 1865, foi motivada pela vontade de subordinar-se à disciplina oferecida pelo aparato científico da filologia clássica, de restringir os seus multifacetados interesses e, sem dúvida, pelo amor dedicado aos gregos.³⁷ Em suas palavras: “what I wanted was some counterweight to my changeable and restless inclinations, a science which could be pursued with [...] regular work, without its results touching me at all deeply”.³⁸

Com o tempo, contudo, das três motivações que o levaram à filologia clássica, apenas a admiração pelos gregos sobreviveu. Já em 1870, Nietzsche comentava que: “I love the Greeks more and more; there is no better approach to them than the tireless education and cultivation of one’s own small person [...] the philologist’s existence, with some critical pretensions but a thousand miles away from the Greeks, seems to me more and more anomalous (1870)”.³⁹

Essa persistência era o produto de uma influência ativa sobre o pensamento do autor, a qual não resultava de afinidades intelectuais localizadas, sem uma conexão aparente, mas provinha antes de uma tradição cultural ao mesmo tempo intelectual e artística.⁴⁰ Essa tradição tinha como atributos fundamentais a admiração pela Grécia antiga, a certeza da superioridade da arte grega em relação a todas as outras e a convicção da necessidade de imitá-la.⁴¹ O que, cabe perguntar, esses pensadores buscavam na antiguidade grega? “The short answer is: a superior alternative to the contemporary world and the situation of Germany in it”.⁴² Essa tradição cultural, o Helenismo germânico, remonta, pelo menos, ao século XVIII e contou com nomes importantes como J. J. Winckelmann, J. W. von Goethe e J. C. F. Hölderlin.

Já a disciplina acadêmica, antes desejada, começou a incomodar Nietzsche sensivelmente: “from philology I feel exuberantly remote in a way which is quite

interpretação da configuração histórica vigente no século XIX. Ver: MAYER, Arno. **A força da tradição: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁷ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 36.

³⁸ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Carl von Gersdorff, 11 de abril de 1869) p. 43.

³⁹ *Ibid.*, (carta a Erwin Rohde, 15 de fevereiro de 1870) p. 61.

⁴⁰ SILK, M. S.; STERN, J. P. **Nietzsche on tragedy**, p. 18.

⁴¹ MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 14.

⁴² SILK, M. S.; STERN, J. P. **Nietzsche on tragedy**, p. 4.

disgraceful”.⁴³ Por qual motivo? A resposta passa, certamente, pelo seu crescente interesse pela filosofia, pela vontade de relacionar os problemas de seu campo de estudo e as questões mais amplas da “vida” e da arte. Em carta escrita em janeiro de 1871, quando apressadamente se candidata, sem sucesso, ao posto vacante de professor de filosofia de sua universidade, Nietzsche afirma:

[...] in my philological studies I was most attracted by those aspects which seemed important to the history of philosophy or to ethical and esthetic problems [...] As long as I have been studying philology, I have spared no efforts to keep in close contact with philosophy; indeed, my chief interest lay always in philosophical questions [...].⁴⁴

Esse interesse era, porém, obstado pela necessária especialização acadêmica. Segundo Nietzsche: “it is only too natural that [...] concentrating on a particular field of knowledge all day long should somewhat blunt one’s untrammelled receptivity and attack the philosophic sense at its root”.⁴⁵

O problema da especialização possui, no mínimo, três conotações discerníveis nos escritos de Nietzsche.⁴⁶ Em seu primeiro significado, o mais restrito, ele faz referência ao “esquartejamento” de um objeto de estudo e a distribuição de suas várias partes entre os seus respectivos especialistas, o que obstará a construção de um entendimento global do que se estuda. Segundo ele: “most philologists lack that elevating total view of antiquity, because they stand too close to the picture and investigate a patch of paint, instead of gazing at the big, bold brushstrokes of the whole painting”.⁴⁷

Em seu segundo significado, mais amplo que o primeiro, o termo aponta, em geral, para a particularização excessiva de um ramo do conhecimento, principalmente em relação aos ramos afins. Nas palavras de Nietzsche: “a specialist in scholarship comes to resemble nothing so much as a factory worker who spends his whole life turning one particular screw or handle on a certain instrument or machine, at which occupation he acquires the most

⁴³ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Wilhelm Vischer-Bilfinger, janeiro de 1871) p. 75.

⁴⁴ *Ibid.*, (carta a Erwin Rohde, março de 1871) p. 78.

⁴⁵ NIETZSCHE, 1868, apud SILK; STERN. **Nietzsche on tragedy**, p. 17.

⁴⁶ NIETZSCHE, Friedrich. **On the Future of Our Educational Institutions**: Homer and Classical Philology, p. 20.

⁴⁷ NIETZSCHE, 1869, apud SILK; STERN. **Nietzsche on tragedy**, p. 23.

consummate skill”.⁴⁸ No caso específico do autor de ONT, o que ele tinha em mente era o distanciamento nefasto entre a filosofia e a filologia.⁴⁹ Por fim, em seu terceiro significado, o mais abrangente dos três, o termo diz respeito à desvinculação entre o conhecimento e seus possíveis usos para além do local no qual foi produzido. Relembremos as palavras de Nietzsche: “their joy at capturing worms and their indifference to the true problems, the urgent problems of life”.⁵⁰

É importante lembrar que o problema da especialização, ao menos no que diz respeito aos estudos clássicos, tem início nas primeiras décadas do século XIX, quando a abordagem da Grécia antiga proposta pelos helenistas sofreria uma mudança de direção. Em termos gerais, podemos dizer que ela se deve, principalmente, às contribuições de Friedrich August Wolf (1759 – 1824), visto que ele foi o primeiro a sistematizar, organizar e rever os princípios e métodos do que denominou “estudo científico da antiguidade” (*Altertumswissenschaft*).⁵¹ Além disso, Wolf postulou como objetivo desse estudo a busca por um conhecimento perfeito das várias esferas históricas do mundo antigo, grego e romano, e a tornou uma ciência independente.⁵²

Essa autonomia, quando conquistada, seria de extrema importância para o desenvolvimento posterior dos estudos clássicos, pois com ela criou-se uma progressiva dissociação entre o estudo histórico “científico” do mundo antigo e a sua utilização para finalidades artísticas.⁵³ Se, antes, com os helenistas, esse objeto havia servido como um referencial para uma mudança cultural de amplitude nacional, como um ideal a guiar a regeneração do homem moderno e, em suma, como um meio que possibilitaria a realização de um fim que está para além dele, agora ele deveria suscitar interesse por si mesmo, independente de qualquer consideração externa.

A subordinação de Nietzsche aos métodos da ciência filológica, principalmente no que diz respeito à necessidade de uso estritamente acadêmico do objeto de estudo e à separação rigorosa entre ele e o sujeito, o fez entrar em rota de colisão com o seu longamente cultivado

⁴⁸ NIETZSCHE, 1872, apud GOSSMAN, Lionel. **Basel in the Age of Burckhardt**. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 428.

⁴⁹ SILK, M. S.; STERN, J. P. **Nietzsche on tragedy**, p. 35.

⁵⁰ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Erwin Rohde, 20 de novembro de 1868) p. 41.

⁵¹ SILK, M. S.; STERN, J. P. **Nietzsche on tragedy**, p. 12.

⁵² *Ibid.*, p. 13

⁵³ *Ibid.*

ideal, proveniente do mundo grego e desenvolvido pelos helenistas, de não dissociação entre pensamento e ação. Em 1859, ainda enquanto aluno de Pforta, aos 15 anos, Nietzsche, refletindo sobre as regras de sua escola, considerava que a mais importante delas deveria ser: “to educate oneself equally in all sciences, arts, faculties and ensure that body and mind go hand in hand.”⁵⁴

Como vemos, o que está em jogo, aqui, é o equilíbrio entre o desenvolvimento intelectual e o físico como uma forma de evitar as doenças que podem surgir tanto do excesso do primeiro como do segundo. Em carta de 1867 ao amigo Carl von Gersdorff, na qual elogia a sua decisão de optar temporariamente pelo serviço militar em detrimento da ciência, Nietzsche pontua: “with such contrasts, soul and body stay healthy and do not produce those inevitable diseases that result from the preponderance of scholarly activity and from the excessive predominance of physical activity as well”.⁵⁵

Já a música, por seu turno, desempenhava nesse momento um papel não menos importante para Nietzsche. Em 21 de dezembro de 1871, após retornar de um concerto dirigido por Richard Wagner, Nietzsche escreveu a Erwin Rohde: “everything that [...] cannot be grasped in terms of musical relations does of course [...] disgust and horrify me. And when I returned from the Mannheim concert, I actually had an oddly intensified, weary dread of daily reality, because it seemed no longer real to me but ghostly”.⁵⁶

Na primeira metade da década de 1870, Wagner representava uma referência para Nietzsche em questões estéticas. Segundo Rüdiger Safranski: “por um longo tempo foi sabidamente a música de Wagner o critério de Nietzsche para medir a plenitude da felicidade no saborear a arte”.⁵⁷ Era o contato com a sua música que permitia ao jovem filólogo atingir uma compreensão da arte trágica grega que não havia sido alcançada por nenhum outro esteta.⁵⁸ “moreover, I feel wonderfully assured in my knowledge of music and convinced of

⁵⁴ NIETZSCHE, 1863, apud SILK; STERN. **Nietzsche on tragedy**, p. 21.

⁵⁵ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Carl von Gersdorff, 24 de novembro de 1867) p. 29.

⁵⁶ *Ibid.*, (carta a Erwin Rohde, 21 de dezembro de 1871) p. 84.

⁵⁷ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 14.

⁵⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 98.

its rightness – as a result of what I have experienced in Mannheim this week together with Wagner”.⁵⁹

Refletindo essa amálgama de interesses, desinteresses e influências, o argumento de *O Nascimento da Tragédia* se tornou complexo e sofisticado a um só tempo. O “centauro” de Nietzsche pode ser dividido em três partes principais.⁶⁰ Na primeira delas, o autor desenvolve o seu argumento a respeito da origem da arte trágica grega, tendo por base dois conceitos fundamentais: o apolíneo e o dionisíaco. Mesmo que sejam categorias de difícil definição que funcionam mais como símbolos,⁶¹ podemos dizer, resumidamente, que representam para Nietzsche os dois impulsos artísticos fundamentais do homem.

Apolo é o deus das formas, dos contornos, das fronteiras, da individualização, do controle; Dioniso é o deus da dissolução, do disforme, do excesso, da embriaguez, do descontrole. As artes plásticas são produtos do primeiro impulso; a música é produto do segundo.⁶² Embora sejam princípios antagônicos, a arte trágica resulta de sua conciliação. Segundo Nietzsche, a tragédia, em sua origem, era a música extática criada sob orientação dionisíaca pelo coro. Contudo, os gregos, procurando o equilíbrio, lhe adicionam elementos apolíneos e fazem o êxtase descarregar-se em imagens, palavras e cenas.⁶³ O mito trágico é o resultado desse processo de união entre essência e aparência.⁶⁴ Até aqui, o argumento de ONT mantinha-se dentro dos padrões argumentativos aceitos pela filologia clássica contemporânea.⁶⁵

Na segunda parte, Nietzsche desenvolve o seu entendimento sobre o desaparecimento da arte trágica. Para ele, foi Eurípedes que, sob a influência de Sócrates, se tornou o responsável pelo desvirtuamento da arte trágica, o qual resultou de seu esforço para afastar da estrutura da tragédia o seu elemento dionisíaco, musical, e, dessa forma, torná-la inteligível, racional. Eurípedes usava como referência criativa o “socratismo estético”, cuja lei suprema é, segundo Nietzsche, “‘Tudo deve ser inteligível para ser belo’, como sentença paralela à

⁵⁹ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Erwin Rohde, 21 de dezembro de 1871) p. 84.

⁶⁰ MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre *O nascimento da tragédia***, p. 7.

⁶¹ MEGILL, Allan. **Prophets of extremity: Nietzsche, Heidegger, Foucault, Derrida**. Berkeley: University of California Press, 1985, p. 38.

⁶² NIETZSCHE. **O Nascimento da tragédia**, p. 27-40.

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ MACHADO (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre *O nascimento da tragédia***, p. 7.

⁶⁵ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 54.

sentença socrática: ‘Só o sabedor é virtuoso’”.⁶⁶ O mito trágico, vinculado às suas origens extáticas, transmitia uma sabedoria não lógica profunda, inconsciente e instintiva sobre as verdades essenciais da vida.

Com Eurípedes, contudo, o mito trágico foi obrigado a se tornar lógico, a apresentar um saber racional e relações causais discerníveis. Com essa “atrevida intelecção”, “Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico”,⁶⁷ a tragédia se tornara aparência sem essência. Essa tese marca o rompimento de Nietzsche com a filologia, e tal ruptura se deu por dois motivos: porque ele a percebia como inaudita e como, com sua incisiva crítica ao racionalismo, uma provocação aos filólogos.⁶⁸

Na terceira parte, Nietzsche apresenta a sua expectativa em relação ao futuro da cultura alemã, a qual se encontrava, no século XIX, acometida por um racionalismo nefasto que tinha suas origens no mundo antigo: “todo o nosso mundo moderno [...] reconhece como ideal o homem teórico, equipado com as mais altas forças cognitivas, que trabalha a serviço da ciência, cujo propósito e tronco ancestral é Sócrates”.⁶⁹

Esse racionalismo socrático, responsável pela morte do espírito trágico, é definido por Nietzsche nos seguintes termos: “é Sócrates o protótipo do otimista teórico que, na já assinalada fé na escrutabilidade da natureza das coisas, atribui ao saber e ao conhecimento a força de uma medicina universal e percebe no erro o mal em si mesmo”.⁷⁰ O racionalismo é, para Nietzsche, a primazia da ciência e do conhecimento consciente diante da arte, da religião e do mito:⁷¹ ele é o sintoma da degeneração cultural moderna.

Na Grécia antiga, a arte trágica fora destronada pelo socratismo, o qual se mantinha triunfante desde então. Invertendo a relação de causa e efeito, o renascimento da tragédia dependia da perda de prestígio da ciência e de um ressurgimento do espírito musical dionisíaco. No entender de Nietzsche, a primeira tarefa já havia sido realizada. Segundo ele, “a enorme bravura e sabedoria de Kant e de Schopenhauer conquistaram [...] a vitória sobre o

⁶⁶ NIETZSCHE. **O Nascimento da tragédia**, p. 81.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 92.

⁶⁸ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 54.

⁶⁹ NIETZSCHE. **O Nascimento da tragédia**, p. 108-109.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 94-95.

⁷¹ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 55.

otimismo oculto na essência da lógica, que é, por sua vez, o substrato da nossa cultura. [...] Com esse conhecimento se introduz uma cultura [...] trágica [...]”.⁷²

A segunda, por sua vez, estava em vias de realizar-se: de Bach a Beethoven e de Beethoven a Wagner, a música alemã empreendia uma poderosa marcha solar que iria culminar no renascimento do espírito trágico na Alemanha moderna.⁷³ Nietzsche concluía seu argumento de forma insólita: com uma esperança messiânica de que Wagner fosse o salvador da cultura alemã e preconizando a subordinação da ciência à arte trágica, forma estética superior.

⁷² NIETZSCHE. **O Nascimento da tragédia**, p. 110-111.

⁷³ *Ibid.*, p. 118.

2. UMA CRIATURA INCOMPREENDIDA

2.1 Polêmica irreconciliável

Duas reações marcaram a recepção de *ONT*: a contestação e o silêncio. O livro de 1872 havia sido pensado por Nietzsche como um meio de interferir na forma como os filólogos ortodoxos estudavam a antiguidade. Para ele, o uso excessivo do método histórico-crítico por esses “socráticos” transformara o estudo da arte grega em uma luxúria inofensiva sem conexão externa que lhe dotasse de sentido para a “vida”. Esse comprometimento com a reconstrução do passado factual precisava ser combatido.⁷⁴

Em carta de janeiro de 1872, na qual Nietzsche manifesta um precipitado pesar com o silêncio de Ritschl sobre seu recente livro, os seus objetivos ficam claros: “the book, after all, is something of a manifesto [...]. I seek nothing for myself, I hope to achieve something for others. Above all, I am concerned to win over the younger generation of philologists and I would consider it a disgrace if I failed in this [...]”.⁷⁵

Com essa inovação metodológica que unia filologia, arte e filosofia, Nietzsche visava, de forma profética, causar uma mudança profunda que minasse as bases do racionalismo não apenas na filologia, mas na cultura alemã como um todo. Na mesma carta citada acima, ele escreve: “I thought that if you had ever met with anything hopeful in your life, it might be this book, full of hope for our classical studies, full of hope for the German spirit”.⁷⁶

Por conseguinte, Nietzsche não economizou esforços para tornar evidente ao público de filólogos que eles constituíam uma das personificações do socratismo e, dessa forma, que formavam um dos alvos diretos do ataque lançado em 1872: “todos os nossos meios educativos têm originariamente esse ideal [o racionalismo socrático] em vista”.⁷⁷ Portanto, o fundo filológico-histórico do livro tinha também como objetivo funcionar como isca, atraindo a atenção do público especialista, o que evitaria que o livro fosse olvidado e tornaria possível a mudança cultural pretendida por seu autor.

⁷⁴ SILK; STERN. *Nietzsche on tragedy*, p. 190.

⁷⁵ NIETZSCHE. *Selected letters of Friedrich Nietzsche*, 1969, (carta a Friedrich Ritschl, 30 de janeiro de 1872) p. 93.

⁷⁶ *Ibid.*

⁷⁷ NIETZSCHE. *O Nascimento da tragédia*, p. 108-109.

Como vemos, desde sua concepção, ONT estava envolto em uma contradição que o tornava um livro “obscuro”: seu autor o escrevera de um modo híbrido que mesclava ciência, filosofia e arte.⁷⁸ Ao mesmo tempo, o livro tinha como público-alvo uma classe de cientistas “socráticos” que não estavam familiarizados com a aplicação de tal tipo de discurso a temas históricos. Essa mistura o tornaria “estranho” ao leitor acostumado com a narrativa acadêmica.

O ataque de Nietzsche não fora furtivo e sua pretensão tampouco fora modesta. Após receber a carta acima citada, Ritschl registrou uma reação breve, a qual evidencia a preocupação do professor com a pretensão messiânica de seu ex-aluno: “amazing letter from Nietzsche – megalomania”.⁷⁹ Porém, a má recepção do livro entre os acadêmicos foi personificada por Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, de quem proveio a crítica mais avassalante que ONT receberia. Após duas elogiosas resenhas publicadas pelo amigo Erwin Rohde e nada mais em cerca de seis meses, Nietzsche veria quebrado o silêncio dos classicistas ortodoxos em relação à ONT em um panfleto publicado em Berlim de 1 de junho de 1872, nomeado *Filologia do futuro!*. O título é uma paródia do livro *A obra de arte do futuro* publicado por Wagner em 1850.

No seu texto, Wilamowitz, com ironia mordaz, não apenas tentou refutar integralmente o argumento de ONT, mas também buscou demolir as credenciais filológicas do autor resenhado. “O senhor Nietzsche não se apresenta como um pesquisador científico: sua sabedoria, conseguida pela via da intuição, é exposta [...] no estilo de um pregador religioso”.⁸⁰ Segundo seu ponto de vista, o autor de ONT falhara exatamente na aplicação dos princípios metodológicos nos quais todo classicista havia sido treinado. Comentando os trechos iniciais do livro, Wilamowitz afirma ser “[...] fácil provar que aqui também a genialidade quimérica e a insolência das afirmações são diretamente proporcionais à ignorância e à falta de amor pela verdade”.⁸¹

Para Wilamowitz, que também estudara na mesma famosa escola de Pforta em que Nietzsche se formara, era inconcebível que um filólogo familiarizado com o método histórico-crítico fizesse uso despreocupado do anacronismo. Nietzsche não teria sido capaz de

⁷⁸ SILK; STERN. *Nietzsche on tragedy*, p. 188.

⁷⁹ RITSCHL, 1872, apud SILK; STERN. *Nietzsche on tragedy*, p. 92.

⁸⁰ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, Ulrich. *Filologia do Futuro!* (Primeira parte). In: MACHADO, Roberto (Org.). *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*, p. 55-78, 2005.

⁸¹ *Ibid.*, p. 57-58.

“compreender cada fenômeno histórico somente a partir das condições da época em que eles se desenvolveram”;⁸² teria usado teorias estético-filosóficas pertinentes ao mundo moderno para explicar fenômenos históricos, sem “se perguntar em que medida os homens antigos partilharam essa visão da música, que mesmo atualmente é a última das novidades”.⁸³ Sua saída era, assim, “denegrir o método histórico-crítico”.⁸⁴ Wilamowitz finaliza seu panfleto de forma peremptória: “só há uma coisa que exijo do senhor Nietzsche: cumpra a sua palavra, pegue o tirso em suas mãos, vá da Índia para a Grécia à vontade, mas desça da cátedra na qual deveria ensinar ciência”.⁸⁵

Diante de uma crítica tão mordaz, a opção de Nietzsche por não polemizar diretamente com o seu crítico, talvez por entender que uma simples resenha ou um panfleto não poderiam reverter a má impressão deixada entre os classicistas, se torna sugestiva. Em carta a Wagner de novembro de 1872, Nietzsche, comentando o esforço de Erwin Rohde para defendê-lo publicamente contra o ataque recebido, pergunta: “Do you then think that Rohde’s noble action can do anything but redouble the hatred and ill will and direct them against us? That is, at least, what Rohde and I expect with complete certainty”.⁸⁶ Nietzsche estava ciente de que o argumento de ONT demandava mais que uma resenha para ser esclarecido.

A tentativa de demolição das credenciais do autor de ONT enquanto filólogo acarretaria um prejuízo, de certa forma, inesperado. Como professor na Universidade da Basileia, Nietzsche lidava com uma pesada carga acadêmica que lhe ocupava de segunda a sábado.⁸⁷ “I feel myself always thrown hither and thither, and driven off my course, by my daily variegated professional work and by the way it is disposed”.⁸⁸

Todavia, esse cenário se alteraria após o lançamento do livro de 1872, pois a sua baixa reputação como filólogo ocasionou uma significativa diminuição na demanda por suas aulas, o que afetava também a instituição de ensino na qual trabalhava. Em carta a Wagner de novembro de 1872, Nietzsche deixa claro o seu desconcerto: “there is one thing that upsets me terribly at the moment, our winter semester has begun, and I have no students at all! Our

⁸² *Ibid.*, p. 58.

⁸³ *Ibid.*, p. 66.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 58.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 78.

⁸⁶ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Richard Wagner, novembro de 1872) p. 110.

⁸⁷ GOSSMAN. **Basel in the age of Burckhardt**, p. 415.

⁸⁸ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Wilhelm Vischer-Bilfinger, janeiro de 1871) p. 75.

classicists have not turned up! [...] The fact is so easy to explain – I have suddenly acquired such a bad name in my field that our small university suffers from it!”.⁸⁹

Ter falhado em converter os jovens aos seus próprios princípios estético-filológicos aborreceu, sem dúvida, o professor. Nietzsche foi forçado a perceber que a má recepção de seu livro ultrapassava o âmbito dos classicistas já formados e atingia os que pretendiam alcançar o mesmo patamar. Além disso, havia aqui um elemento agravante, pois Nietzsche escreveu seu livro primogênito quando ainda se sentia pressionado a justificar, com um trabalho excelente, a sua precoce admissão sem doutorado ou concurso.⁹⁰ Não podemos esquecer, igualmente, que um dos objetivos iniciais do livro era justamente: “[...] prove and legitimize myself as a philosopher or somewhat; to that end I have finished, except for a few touches, a short work, ‘The Origin and Aim of Tragedy’”.⁹¹ Porém, essa não era a sua maior preocupação.

Na já citada carta a Wagner, ele afirma: “[...] but the damage done by me to a small university, one that has placed a great deal of trust in me, pains me very much and could in the long run force me to make decisions which have occurred to me from time to time for other reasons”.⁹² Não podemos determinar exatamente a que tipo de decisões Nietzsche se referia. Contudo, o trecho subsequente da carta é esclarecedor: “of course I can make good use of this winter semester, because my only assignment now as a simple schoolmaster is the Pädagogium”.⁹³ Nietzsche, desapontado por ter prejudicado a reputação da universidade que o acolhera, iria trabalhar, o mais rápido possível, para restabelecer suas credenciais acadêmicas. ONT demandava um esclarecimento retroativo imediato.

Pelo menos até seu rompimento com Wagner, o qual começa a se tornar perceptível por volta de 1875, Nietzsche manteve-se convicto de que, havendo algum problema na relação entre ONT e seus leitores, o mesmo adviria dos últimos e não do primeiro. Para ele, a má recepção do livro de 1872 era o resultado não de uma correta constatação, pelos filólogos, de que o livro era inadequado para os padrões da filologia e, portanto, destituído de significado científico.

⁸⁹ *Ibid.*, (carta a Richard Wagner, novembro de 1872) p. 110.

⁹⁰ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 51.

⁹¹ NIETZSCHE. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**, 1969, (carta a Erwin Rohde, 29 de março de 1871) p. 78.

⁹² *Ibid.*, (carta a Richard Wagner, novembro de 1872) p. 110.

⁹³ *Ibid.*

O problema era, segundo seu entendimento, a incapacidade desse público, embotado que estava pelo “racionalismo”, de compreendê-lo de forma apropriada, de perceber que os seus objetivos transcendiam, desde sua concepção, o mero estabelecimento da realidade histórica do mundo grego e estavam vinculados a projetos culturais mais amplos.⁹⁴ Nas palavras de um Nietzsche resignado: “[...] I’m counting on a slow, quiet journey – centuries long, I’m convinced. For some eternal truths are spoken here for the first time. There are bound to be reverberations”.⁹⁵ As críticas, ironicamente, eram ineficazes: a convicção de Nietzsche em suas ideias fortalecia-se.

Em suma, Nietzsche identificou, por meio de toda polêmica na qual se envolveu logo após a publicação de seu livro, a necessidade de criar um suporte teórico para o livro de 1872 que funcionasse como um guia para a sua leitura adequada. Além disso, é plausível supor que a má recepção do livro entre os filólogos, incluindo o doloroso silêncio, quebrado a duras penas, de seu ex-professor, o qual muito fizera para promover a sua carreira, contribuiu como um dos motivos que levaram Nietzsche a perceber que *ONT* necessitava de um “socorro teórico” realmente eficaz.

2.2 Princípios de anatomia

Em fevereiro de 1874, Nietzsche publicou a *Segunda Consideração Extemporânea*, escrita na segunda metade de 1873. Em abril de 1873, Nietzsche visitou Richard Wagner em Bayreuth, ocasião em que lhe mostrou o manuscrito incompleto de *Filosofia na era Trágica dos Gregos*, o qual tinha como tema a filosofia pré-platônica. Wagner, totalmente preocupado com as demandas de seu projeto de teatro (*Festspielhaus*), demonstrou pouco entusiasmo com o texto, considerando-o uma inócua digressão. Para ele, era mais importante que Nietzsche voltasse a escrever sobre a relação entre o futuro alemão e sua música, como fizera em *ONT*.⁹⁶ Compreendendo e compartilhando do interesse de seu ídolo, Nietzsche, de volta à Basileia, imediatamente reorientou os seus objetivos e iniciou o projeto das *Considerações*

⁹⁴ SILK; STERN. *Nietzsche on tragedy*, p. 92.

⁹⁵ NIETZSCHE, 1872, apud SILK; STERN. *Nietzsche on tragedy*, p. 93.

⁹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Untimely Meditations*, p. 11.

Extemporâneas.⁹⁷ Assim, tanto o livro de 1872 como o texto de 1874 foram escritos sob a orientação do projeto wagneriano de renovação cultural.

Na SCE, o autor nos apresenta as suas ideias a respeito de como e por que a história deveria ser escrita. Refletindo, portanto, sobre a função da historiografia, Nietzsche tenta demonstrar que a história, quando produzida como um fim em si mesmo, como uma luxúria supérflua sem conexão externa que lhe dote de sentido, se torna disfuncional para a cultura que a produz.⁹⁸ A história só volta a ser funcional quando deixa de ser ciência pura e passa a orientar-se por um interesse que a transcenda. Em suma, quando se torna serva da “vida”.⁹⁹ Assim, Nietzsche trata o discurso histórico como uma importância de valor apenas relativo: “esta é justamente a sentença que o leitor está convidado a considerar: o histórico e o a-histórico são na mesma medida necessários para a saúde de um indivíduo, um povo e uma cultura”.¹⁰⁰

Colocamos até agora o termo vida entre aspas por que seu significado é de difícil apreensão. Segundo nosso entendimento, o conceito de arte, vida e ação se confundem no pensamento do jovem Nietzsche: em termos gerais, a primeira é responsável por, com seu efeito estético, proporcionar direcionamento e vigor para a ação que se realiza empiricamente na “vida”, na História, no espaço-tempo. Nietzsche define um tipo de discurso histórico na SCE que auxilia a vida, fornecendo-lhe orientação e que, por isso, tem um funcionamento parecido com o da arte.¹⁰¹ Trata-se da “história monumental”, que tem como função essencial constituir-se como uma referência para ação:

A história diz respeito antes de tudo ao homem ativo e poderoso, ao homem que luta em uma grande batalha e que precisa de modelos, mestres, consoladores e que não permite que ele se encontre entre seus contemporâneos e no seu presente. Que os grandes momentos na luta dos indivíduos formem uma corrente, que como uma cadeia de montanhas liguem a espécie humana através dos milênios, que, para mim, o fato de o ápice de um momento já há muito passado ainda esteja vivo, claro e grandioso - este é o pensamento fundamental da crença em uma humanidade, pensamento que se expressa pela exigência de uma história monumental.¹⁰²

⁹⁷ *Ibid.*

⁹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**, p. 5.

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 11.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 22.

¹⁰² *Ibid.*, p. 19.

Para que esse efeito seja possível, a história monumental usa o passado (“os grandes momentos”) como um instrumento, pois esse possui a autoridade dos fenômenos já realizados com êxito. Tendo como referência segura a grandeza do passado, o agente histórico que opera sob a égide da história monumental suprime do seu horizonte toda incerteza: “ele deduz daí que a grandeza, que já existiu, foi, em todo caso, possível uma vez, e, por isto mesmo, com certeza, será algum dia possível novamente [...]”.¹⁰³ Como vemos, para que esse *effectus monumental* se realize, o passado, o presente e o futuro precisam ser aproximados; sua semelhança deve ser enfatizada; caso não exista, deve ser criada.

E, contudo – para aprender com o mesmo exemplo imediatamente uma coisa nova – o quão inexata, fluida e pendente seria essa comparação! O quanto da diversidade precisa ser desconsiderado aí para que a comparação possa produzir aquele efeito fortalecedor, o quão violentamente a individualidade do passado deve se encaixar em uma forma universal e o quanto todos os seus ângulos e linhas acentuados precisam ser destruídos em favor da concordância!¹⁰⁴

Dessa forma, ao discurso monumental corresponde, necessariamente, um tempo monumental, o qual funciona como uma força centrípeta que aproxima os tempos históricos, tornando-os idênticos. O elemento estruturante dessa variante de história é, portanto, o anacronismo: “até aí a história monumental não precisará utilizar aquela plena veracidade: ela sempre aproximará o desigual, generalizando-o e, por fim, equiparando-o; ela sempre enfraquecerá novamente a diversidade dos motivos e ensejos a fim de apresentar o *effectus monumental* como modelo e digno de imitação”.¹⁰⁵

Por fim, Nietzsche, ao considerar a veracidade não obrigatória, possibilita ao discurso monumental ter um contato pontual, às vezes ficcional, com o passado factual, o que o aproxima da arte:

Enquanto o passado precisar ser descrito como digno de imitação, como imitável e como possível uma segunda vez, aquela alma [a da historiografia] estará em todo caso correndo o risco de se tornar algo distorcido, embelezado e, com isto, próximo da livre invenção poética; sim, há tempos que não conseguem estabelecer distinção nenhuma entre um passado monumental e uma ficção mítica: pois de um mundo podem ser extraídos exatamente os mesmos estímulos que do outro.¹⁰⁶

¹⁰³ *Ibid.*, p. 20.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 22.

¹⁰⁵ *Ibid.*

¹⁰⁶ *Ibid.*

Propondo a validade desse método, Nietzsche desejava possibilitar que a vontade, orientada esteticamente por arquétipos históricos, se manifestasse empiricamente por meio da ação, causando interferências construtivas na constituição dos processos históricos, principalmente em sua esfera cultural.

Segundo Nietzsche, nenhuma configuração histórica justifica a si mesma, pois a essência da vida é a injustiça; toda ação é passível de ser condenada porque nunca surge de uma pura fonte de conhecimento, sempre pressupondo a parcialidade do agente histórico: “[...] pois tudo o que surge merece perecer. Por isso, seria melhor que ele não tivesse surgido”.¹⁰⁷ Nietzsche parte aqui do entendimento de que se os homens tomam conhecimento desse aspecto da realidade, a ação perde o seu impulso motivador e a vida debilita-se.

Logo, a manutenção da ação histórica construtiva depende do esquecimento: “é necessária muita força para poder viver e para esquecer, na medida em que viver e ser injusto são uma coisa só”.¹⁰⁸ O revigorante *effectus monumental* só se realiza quando a realidade é encoberta com o véu da arte e embelezada pelo discurso, quando a memória é alimentada com a ilusão, o que permite ao homem suportar o fardo de existir, consolado tragicamente. Daí a famosa fórmula: “o existir e o mundo só se justificam eternamente como fenômeno estético”.¹⁰⁹

Contudo, os homens, ao se sentirem injustiçados por uma configuração histórica, também buscam a libertação. Para isso, recorrem ao segundo método histórico definido por Nietzsche, o crítico, o qual tem como função operar a implosão da história monumental. Ao fomentar-se a investigação sistemática sobre o passado e ao estabelecer-se as suas minúcias factuais com critério rigoroso, a dimensão ficcional da história é revelada.¹¹⁰ Com a memória funcionando sem entraves estéticos, a injustiça de toda existência é trazida de volta à consciência.¹¹¹ “Por vezes, porém, justamente a mesma vida que precisa do esquecimento exige a aniquilação temporária deste esquecimento; então fica claro o quão injusta é a

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 30.

¹⁰⁸ *Ibid.*

¹⁰⁹ NIETZSCHE. **O Nascimento da tragédia**, p. 47.

¹¹⁰ NIETZSCHE. **Segunda consideração intempestiva**, p. 30.

¹¹¹ *Ibid.*

existência de uma coisa qualquer, de um privilégio, de uma casta, de uma dinastia, por exemplo”.¹¹²

Por meio desse ímpeto libertário, o homem renova a história e, destruindo tudo o que fora herdado, estabelece as bases necessárias para a construção de algo novo: “então, seu passado é considerado criticamente, crava-se com uma faca suas raízes”.¹¹³ Ao admitir a utilidade desse método, Nietzsche reconhece a legitimidade da vontade libertária.

Contudo, ele a condiciona. As épocas dominadas pela história crítica são momentos perigosos, caracterizados pela incerteza e pela insegurança.¹¹⁴ Se toda vida é essencialmente injusta, o ímpeto crítico pode alimentar-se insaciavelmente. Nenhuma configuração histórica, no passado, no presente ou no futuro, consegue, então, justificar-se: “pensada como ciência pura e tornada soberana, a história seria uma espécie de conclusão da vida e de balanço final para a humanidade”.¹¹⁵ Sob a primazia da memória, o homem se torna incapaz de criar, a letargia o domina. Não há nada no amanhã que já não conheçamos hoje.¹¹⁶

Portanto, seu primado deve ser provisório. Após ter causado uma interferência corrosiva no processo histórico, fazendo dele tabula rasa, a história crítica deve submeter-se aos interesses da vida, da ação construtiva. Para que a história seja tomada por um influxo voraz de impulso vital, para que uma nova cultura seja possível, a memória deve ser dominada pelo esquecimento, a história pela vida, a ciência pela arte: “a cultura histórica só é efetivamente algo salutar e frutífero para o futuro em consequência de uma nova e poderosa corrente de vida [...] portanto, só se ela é dominada e conduzida por uma força mais elevada e não quando ela mesma domina e conduz”.¹¹⁷

2.3 Dissecando uma criatura atemporal

ONT é um livro sobre a cultura grega, enquanto a SCE constitui uma reflexão sobre o significado do conhecimento histórico. Apesar dessa grande diferença, existe entre os textos

¹¹² *Ibid.*

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 17.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 16.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 17.

de 1872 e 1874 uma forte continuidade de conteúdo que se realiza por meio de três eixos fundamentais. No primeiro deles, a SCE opera como uma reformulação conceitual do que ONT apresenta em termos artístico-filosóficos. No segundo, ela pode ser entendida como a teorização dos princípios que em ONT possuem uma dimensão prática. No terceiro, a SCE pode ser interpretada como uma resposta às críticas que ONT havia recebido, as quais o seu autor optara por não responder logo após sua publicação.

O primeiro tema que perpassa os dois textos é a crítica radical ao racionalismo. Como vimos, em ONT, Nietzsche designa de socratismo a tradição do racionalismo, argumentando que os primeiros sintomas dos prejuízos causados pelo racionalismo surgiram na Grécia clássica, no século V a.C., com a influência de Sócrates sobre Eurípedes. Portanto, o racionalismo, enquanto um fenômeno grego, não representa, no pensamento de Nietzsche, um problema isolado.

É em sua relação com a arte que suas consequências se tornam nefastas e dignas de serem criticadas impiedosamente. Usando os mesmos arquétipos de Nietzsche, é apenas quando Sócrates, sem reconhecer os próprios limites, começa a influenciar a arte de Eurípedes que o socratismo se torna contraproducente para a cultura. O que torna a relação entre a arte e a ciência disfuncional é o não reconhecimento mútuo de fronteiras.

Na SCE, Nietzsche retoma essa mesma discussão de uma forma mais clara, embora agora esteja considerando o racionalismo em sua manifestação moderna, sob a forma de método histórico crítico. Como vimos, existem dois discursos históricos válidos. O primeiro, monumental-artístico, o qual não tem a pretensão de ser científico, reconhece a sua função de instrumento e interage de forma profícua com a vida, concedendo-lhe o papel de protagonista, de regência. O segundo, o crítico-científico, desconsiderando o seu campo restrito de atuação e descontente com sua função coadjuvante, destitui a vida de sua primazia e passa a desconsiderar qualquer limitação externa.

Novamente, o que está em jogo é o estabelecimento de um cordão de isolamento para a ciência em prol do florescimento pleno da arte-vida-ação. A crítica ao racionalismo está presente, com a mesma estrutura argumentativa, tanto em ONT como na SCE, embora em 1874 ela tenha sido registrada sob forma mais precisa, em que se aponta diretamente para problema da ciência histórica. Tal característica pode ser compreendida como o resultado da pretensão do autor de tornar o seu pensamento mais apreensível.

Como vimos, a “história monumental” possui três características básicas: a função e o tempo monumentais, além do uso da ficção. No caso de ONT, sua função monumental é evidente. Para Nietzsche, o projeto musical wagneriano representava o início de um renascimento cultural que estava interposto entre um evanescente socratismo e uma cultura trágica vindoura que só poderia surgir do “espírito da música” e do arrefecimento do racionalismo, como o demonstra o exemplo da tragédia ática.

Por isso, esse momento errante de transição demandava um referencial que estabelecesse indubitavelmente quais ações deveriam ser tomadas em prol de um futuro almejado. NT surge, então, como o monumento que guiaria os homens que travavam a luta contra o socratismo, impelindo-os sempre à ação. Um Nietzsche engajado afirma: “precisamos entrar no meio dessas lutas que, como eu dizia há pouco, são pelejadas, nas mais altas esferas do nosso mundo atual, entre o insaciável conhecimento otimista e a necessidade trágica da arte”.¹¹⁸

O uso do tempo monumental é igualmente perceptível. Após apresentar e criticar o racionalismo em sua manifestação grega, o autor de ONT faz uma manobra que objetiva aproximar a Alemanha moderna e a Grécia clássica: ele torna o socratismo, simultaneamente, antigo e moderno: “[...] é preciso agora pronunciar-se acerca de como a influência de Sócrates, até o momento presente, e inclusive por todo porvir afora, se alargou sobre a posteridade, qual uma sombra cada vez maior no sol do poente.”¹¹⁹

Para obter esse efeito, Nietzsche negligencia a alteridade do passado, a qual reside na cadeia específica de causas históricas que tiveram como resultado o surgimento do racionalismo em cada um dos tempos considerados. Ele “recorta” o socratismo grego, enquanto evento histórico acabado, de seu contexto, abandonando as suas causas, e o desloca para o presente, igualmente desconsiderando a especificidade do racionalismo moderno, tornando-os uma coisa só.

Não obstante, quando apresenta a sua expectativa de renascimento da arte trágica, Nietzsche faz uso do mesmo mecanismo: ele parte do presente, do conhecimento da música wagneriana, “a fonte original de nossa cognição”,¹²⁰ para o passado. Lá, identifica a trama causal que teve como efeito o surgimento da tragédia ática e retorna para tentar reproduzi-la

¹¹⁸ NIETZSCHE. *O Nascimento da tragédia*, p. 96.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 91.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 96.

na Alemanha moderna, o que poderia ser alcançado pela combinação da força da história monumental, da música de Wagner e da filosofia de Schopenhauer.

Novamente, Nietzsche parece não estar preocupado com a especificidade de cada tempo histórico, transitando como “livre historiador” entre eles. Essa manobra, a qual torna os tempos históricos inextricáveis e indiscerníveis, é exatamente idêntica ao procedimento de criação do tempo monumental, descrito na SCE. Seu uso faz com que seja impossível enxergar, em ONT, as fronteiras entre o passado, o presente e futuro.

Façamos um teste: a que tempo o título *O Nascimento da Tragédia* se refere? Ao passado, à sua gênese na Grécia? Ao futuro, ao seu renascimento alemão? A todos. Nietzsche, enquanto historiador, faz uso despreocupado do anacronismo, o que torna exata a crítica de Wilamowitz, citada anteriormente. Com a teoria desenvolvida na SCE, contudo, ele tornou evidente que o uso do anacronismo em ONT era produto de uma intencionalidade consciente e, mais importante, previamente estabelecida.

Em ONT, Nietzsche recorre, em vários momentos importantes, ao uso da livre invenção.¹²¹ Consideremos aqui apenas um único exemplo: para ele, a primeira etapa discernível da cultura grega, a titânica, era dionisíaca, já que estava atenta para “a verdadeira realidade da vida”, para o seu horror.¹²² Após ela, seguiu-se a cultura homérica, apolínea, como uma reação que visava, por meio da arte plástica de Apolo e do prazer obtido na aparência, tornar possível a continuação da vida após o conhecimento de sua verdadeira natureza.¹²³

Não havia, na época em que o livro foi escrito, nenhuma evidência que pudesse ser utilizada para fundamentar o argumento de que uma cultura pré-homérica havia existido.¹²⁴ Cabe-nos perguntar, então, por que o autor de ONT acreditava que uma cultura dionisíaca precedera, necessariamente, a homérica? A sua certeza provém de sua filosofia estética, segundo a qual a produção artística de caráter apolíneo é, obrigatoriamente, antecedida pela contemplação do horror da existência humana e o pessimismo que ela gera.¹²⁵

¹²¹ SILK; STERN. *Nietzsche on tragedy*, p. 134.

¹²² NIETZSCHE. *O Nascimento da tragédia*, p. 35-42.

¹²³ *Ibid.*

¹²⁴ SILK; STERN. *Nietzsche on tragedy*, p. 163.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 164.

Em primeiro lugar, Nietzsche determinou, em conformidade com o seu entendimento estético e a sua experiência, a trama causal que se estabelece no artista genuíno, tomado individualmente. Feito isso, ele, intuitivamente, ampliou a sua perspectiva e transformou uma relação de causa e efeito específica, psicológica, alheia ao discurso histórico, posto que pertencente a uma subjetividade quase imperscrutável, em uma lei geral da história. Consequentemente, se a primeira etapa da cultura grega conhecida era apolínea (o efeito, segundo a teoria estético-histórica de Nietzsche), logo, embora não houvesse suporte estritamente histórico para essa conclusão, ela havia sido precedida por uma causa, a condição fundamental para o surgimento do efeito. Nietzsche transita livremente, assim, não apenas entre o passado e o presente, mas também entre o não-histórico e o histórico.

O último vínculo existente entre a SCE e ONT advém da circunstância de que o texto de 1874 funciona como uma resposta à polêmica que surgira em torno do livro de 1872. Em 1874, Nietzsche embute em sua crítica ao “homem moderno” a sua insatisfação com a forma como o mundo acadêmico recebeu o seu primogênito, embora o faça de forma geral, sem citar nomes:

[...] assim nada mais consegue agir sobre elas; pode acontecer algo bom e justo, como ato, como poesia, como música: imediatamente, o oco homem da cultura lança o seu olhar para além da obra e pergunta pela história do autor [...]. A coisa mais espantosa possível pode acontecer, a horda dos homens historicamente neutros já está sempre a postos para visualizar o autor a uma distância considerável¹²⁶.

Como podemos ver, o ponto principal da crítica de Nietzsche ao modo como os “homens historicamente neutros”, ou seja, os acadêmicos comprometidos com o método histórico crítico, recebiam as grandes obras residia em sua predisposição imediata para anular qualquer possibilidade de realização do efeito monumental antes que ele ocorresse. Para se concretizar, o *effectus monumental* depende, então, não apenas dos três atributos citados, mas igualmente de uma condição externa: a existência de uma predisposição no seu interlocutor para lê-lo de forma monumental.

A singularidade do leitor monumental reside no fato de ele congelar a sua capacidade crítico-científico em prol de poder gozar do efeito revigorante que a arte proporciona, agindo sob sua influência no tempo-espaço. O leitor crítico, por seu turno, executa o movimento

¹²⁶ NIETZSCHE. *Segunda consideração intempestiva*, p. 46.

oposto: exercita livremente a sua capacidade crítica para anular o efeito estético do monumento, nunca chegando a agir.

Assim, a polêmica surgida entre os defensores de Nietzsche e Wilamowitz, enquanto reflexo da problemática relação existente entre ciência e arte, era irreconciliável, visto que cada um deles optara por ler ONT de uma forma diferente. Wagner e Rohde optaram por um discurso, um tempo e uma leitura monumentais. Wilamowitz, por seu turno, escolhera uma leitura crítica. Na carta aberta enviada por Wagner a Nietzsche, o músico é claro:

Portanto, não deveria haver na filologia a tendência a uma formação superior, ou seja, realmente produtiva? Muito provavelmente, pelo que posso supor! Só que essa tendência parece ter-se degenerado em uma completa desagregação, por meio de um estranho processo de desenvolvimento da disciplina. Pois é evidente que a filologia atual não exerce influência alguma sobre a situação da cultura alemã em geral.¹²⁷

Enquanto isso, Wilamowitz mantinha-se intransigente, principalmente na segunda parte de seu panfleto *Filologia do Futuro!*, ao negar a validade de um discurso como o monumental por este mais esconder do que revelar a realidade e constituir um ataque contra racionalidade.

¹²⁷ WAGNER, Richard. Carta aberta a Friedrich Nietzsche. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre *O nascimento da tragédia***, p. 82.

CONCLUSÃO

A predileção de Nietzsche pelo discurso monumental, entre 1872 e 1876, é evidente. Em 1872, essa propensão se realiza de forma prática; em 1874, de forma teórica. “A história, uma vez que se encontra a serviço da vida, se encontra a serviço de um poder a-histórico, e por isto jamais, nesta hierarquia, poderá e deverá se tornar ciência pura [...]”.¹²⁸ Nietzsche, submetendo o discurso histórico ao interesse da tríade arte-vida-ação, não atribui à veracidade um caráter primordial. Ao contrário, uma inverdade que torne possível a realização de grandes feitos lhe parece mais frutífera.¹²⁹

Ou seja, como Allan Megill bem observou, o jovem Nietzsche é um esteticista.¹³⁰ Megill compreende o esteticismo como a tendência de perceber a arte, a linguagem, o discurso ou o texto como a dimensão mais importante da experiência humana, em detrimento do factual.¹³¹ Não é difícil encontrar afirmações do próprio Nietzsche que validam a análise de Megill. Em *ONT*, por exemplo, ele afirmava que “só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente”.¹³² A predileção de Nietzsche pelo discurso monumental, que, como tentei demonstrar acima, é simultaneamente teórica e prática, e a sua crítica impiedosa do racionalismo, sob a forma de método histórico-crítico, formam a principal faceta de tal esteticismo.

Ironicamente, foi justamente Wilamowitz, o maior crítico de *ONT*, quem, meses após a sua publicação, primeiro compreendeu o esteticismo característico do uso e abuso que o jovem Nietzsche fazia da história, embora o tenha feito de forma sardônica:

Mesmo assim, receio ter feito uma injustiça ao senhor Nietzsche, se ele me objetar que não queria saber nem um pouco de ‘historiografia e crítica’, ou da ‘assim chamada história universal’, que desejava criar uma obra de arte apolíneo-dionisíaca, ‘um meio de consolação metafísica’. Nesse caso, suas afirmações não teriam a realidade diurna comum, mas ‘a realidade mais elevada do mundo dos sonhos’. Nesse caso, retiro tudo o que disse e pretendo me desculpar da melhor forma.¹³³

¹²⁸ *Ibid.*, p. 17.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 13.

¹³⁰ MEGILL. **Prophets of extremity**, p. 33-38.

¹³¹ *Ibid.*, p. 2.

¹³² NIETZSCHE. **O Nascimento da tragédia**, p. 47.

¹³³ WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF. *Filologia do Futuro!* (Primeira parte), p. 78.

O esteticismo do jovem Nietzsche tem origem existencial. Ainda no primeiro semestre de estudo em Bonn, o então estudante de teologia, tendo lido *A vida de Jesus*, de David Strauss, começa a demonstrar os primeiros sintomas de que os dogmas cristãos não tinham mais força vinculante para ele e opta exclusivamente pela carreira de filólogo.¹³⁴ Sobre essa experiência, mais tarde, Nietzsche comentaria que: “o que se pode aprender com o cristianismo é o fato de ele ter se tornado esnobe e desnaturado sob o efeito de um tratamento historicizante, até que, finalmente, um tratamento plenamente histórico, isto é, um tratamento justo, o dissolveu em puro saber acerca do cristianismo e, com isso, o aniquilou.”¹³⁵

A partir de então, Nietzsche percebe a história humana como experiência trágica: “tudo o que surge merece perecer. Por isso, seria melhor que ele não tivesse surgido”. Toda cultura elevada dependeria, segundo Nietzsche, de uma classe de escravos que, apesar de não conseguirem reconhecer o alto valor da cultura, trabalham para produzir as condições materiais de sua existência.¹³⁶ Por isso, o professor considera as tentativas de resolver as questões sociais no sentido dos trabalhadores uma grave ameaça à cultura e acusa os democratas de mentirem para as massas sobre a dignidade do trabalho.¹³⁷ Em prol da cultura, as massas devem ser escravizadas: sofrimento, morte e crueldade dominam a vida.

Após a morte de Deus, é a história, com suas magníficas imagens luminosas, com os seus exemplares superiores, que irá atribuir sentido à existência. É por essa razão que Nietzsche atribui ao discurso histórico uma função estética: o que ele busca aí é a capacidade plástica da arte. Como texto não comprometido com a veracidade factual, a história monumental, a qual não difere da ficção poética, é capaz de lançar um véu sobre a realidade e pode, assim, evitar que o homem sangre continuamente ao contemplar a injustiça e fugacidade que caracterizam essencialmente a realidade.

Pensem no exemplo mais extremo, um homem que não possuísse de modo algum a força de esquecer e que estivesse condenado a ver por toda parte um vir-a-ser: tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesta torrente do vir-a-ser: como o leal discípulo de Heráclito, quase não se atreverá mais a levantar o dedo. A todo agir liga-se um esquecer [...].¹³⁸

¹³⁴ HOWARD, Thomas Albert. **Religion and the rise of historicism**: W. M. L. de Wette, Jacob Burckhardt, and the theological origins of nineteenth-century historical consciousness. New York: Cambridge University Press, 2000, p. 5.

¹³⁵ NIETZSCHE. **Segunda consideração intempestiva**, p. 46.

¹³⁶ NIETZSCHE. **O Nascimento da tragédia**, p. 109-108.

¹³⁷ SAFRANSKI. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**, p. 63.

¹³⁸ NIETZSCHE. **Segunda consideração intempestiva**, p. 9.

Entre os anos de 1872 e 1876 a função da história para Nietzsche é, paradoxalmente, produzir o esquecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes primárias

NIETZSCHE, Friedrich. **Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O Nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**. Trad. Anthony M. Ludovici. New York: Doubleday, page & company, 1921.

_____. **Selected letters of Friedrich Nietzsche**. Trad. Christopher Middleton. Chicago: University of Chicago Press, 1969.

_____. **The Birth of Tragedy**. New York: Dover, 1995.

_____. **Untimely Meditations**. New York: Cambridge University Press, 1997.

2. Bibliografia

BROBJER, T. H. Nietzsche's Relation to Historical Methods and Nineteenth-Century German Historiography. **History and Theory**, vol. 46, pp. 155-179, May 2007.

BROBJER, T. H. Nietzsche's View of the Value of Historical Studies and Methods. **Journal of the History of Ideas**, vol. 65, no. 2, pp. 301-322, April 2004.

BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GOSSMAN, Lionel. **Basel in the age of Burckhardt**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

HOWARD, Thomas Albert. **Religion and the rise of historicism**: W. M. L. de Wette, Jacob Burckhardt, and the theological origins of nineteenth-century historical consciousness. New York: Cambridge University Press, 2000.

KAUFMANN, W. A. **Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist**. New York: Meridian, 1958.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Graal, 1999.

MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre *O Nascimento da Tragédia***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MACHADO, Roberto. **O nascimento do trágico de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MAYER, Arno J. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MEGILL, Allan. **Prophets of extremity**: Nietzsche, Heidegger, Foucault, Derrida. Berkeley: University of California Press, 1985.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: biografia de uma tragédia**. Trad. Lya Luft. São paulo: Geração Editorial, 2001.

SILK, M. S.; STERN, J. P. **Nietzsche on tragedy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

STERN, J. P. **Ideias de Nietzsche**. São Paulo: Cultrix, 1982.

WAGNER, Richard. Carta aberta a Friedrich Nietzsche. In: MACHADO, Roberto (Org.) **Nietzsche e a polêmica sobre *O nascimento da tragédia***, p. 79-86, 2005.

WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, Ulrich. Filologia do Futuro! (Primeira parte). In: MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre *O nascimento da tragédia***, p. 55-78, 2005.

Eu, Fabrício Rodrigues Ramos, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *A Anatomia de um Centauro: O Nascimento da Tragédia à luz da Segunda Consideração Extemporânea* foi integralmente por mim redigido, e que assinali devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 18 de julho de 2013


Fabrício Rodrigues Ramos